

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Maicon Morais de Oliveira da Silva

**PRÁTICAS INOVADORAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
relato de experiência a partir do Estágio de Docência no Ensino Fundamental
com Anos Iniciais**

**Porto Alegre
2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Maicon Morais de Oliveira da Silva

**PRÁTICAS INOVADORAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
relato de experiência a partir do Estágio de Docência no Ensino Fundamental
com Anos Iniciais**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Educação Física da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki

**Porto Alegre
2014**

RESUMO

A Educação Física tem se materializado como uma disciplina de predominância prática, sendo, às vezes, vista por grande parte da comunidade escolar como um mero espaço de brincadeiras e jogos. Além disso, é possível identificar que na Educação Física escolar, sobretudo com os jovens, há certo desinvestimento em tal prática. Neste sentido, o presente estudo tem como objetivo apresentar e analisar as experiências de ensino-aprendizagem que podem ser entendidas como práticas inovadoras, com uma turma de segundo ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Porto Alegre. A literatura aponta o surgimento de tais práticas que estão fazendo com que haja uma diferenciação de outras abordagens como a do ensino tradicional surgido nas décadas de 1970 e 1980 e da “pedagogia da sombra” ou “professor rola bola”. Metodologicamente, trata-se de um estudo envolvendo um estudo de caso, de caráter qualitativo e descritivo no qual são analisadas experiências vividas no estágio docente. Foram analisados os relatos e as aprendizagens vividas em cada aula do Estágio Docente em Educação Física no Ensino Fundamental, registrados em diário de campo. A coleta de informações foi realizada, ainda, no período do referido estágio docente que ocorreu no primeiro semestre de 2014, obtendo respostas positivas referentes à participação dos alunos. Estes estudantes lidaram bem com essas novas propostas, pois se sentiram desafiados a praticar de algo que não conheciam e se mantiveram motivados ao tentar resolver os desafios relacionados à dificuldade dos movimentos que tais práticas exigiam.

Palavras-chaves: Educação Física Escolar. Práticas Inovadoras. Estudo de caso. Estágio Docente.

ABSTRACT

Physical Education has materialized as a predominantly practical discipline, sometimes seen by a large proportion of the school community as merely a space for playtime and games. Furthermore, it is possible to notice in physical education in schools, especially with younger age groups that there is a certain amount of disinvestment in this practice. With regard to this, this study aims to present and analyze the teaching – learning experiences that can be perceived as innovative practices, with a class in the second year of Primary Education at a public school in Porto Alegre. The literature points to the emergence of practices with a different approach to that of traditional education, which emerged in the 1970s and 1980s, the “pedagogy of shadow” or “teacher rolls the ball”. Methodologically, it is a study involving a case study, qualitative and descriptive in character in which the teaching experiences of an teaching internship are analyzed. Reports and learning experiences of each lesson of the teaching internship of Physical Education in Primary Education recorded in a journal were analyzed. The collection of information was carried out in the period of the mentioned intern occurring in the first semester of 2014, achieving positive responses in pupil participation. The students dealt well with these new proposals, because they felt challenged to perform something that they had never done before and remained motivated to try to overcome the challenges related to the difficulty of the movements the practices demanded.

Keywords: Physical Education in Schools. Innovative practices. Case study. Teaching Internship.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Desenho feito pelos alunos manifestando sua preferência pelo futebol nas aulas de Educação Física.	28
Figura 2: Desenho feito pelos alunos manifestando a preferência pelo futebol nas aulas de Educação Física.	28
Figura 3: Desenhos feitos pelos alunos manifestando atividades com corda na Educação Física (pular corda).....	30
Figura 4: Desenhos feitos pelos alunos manifestando atividades com corda na Educação Física (cabo de guerra).....	30
Figura 5: Espaço localizado ao lado do bar e da cozinha da escola.	32
Figura 6: Maior espaço para realização das aulas no pátio, localizado ao lado da direção, com duas quadras (vôlei e basquete) desenhadas no chão.....	32
Figura 7: Ginásio da escola, onde o espaço e delimitado por paredes em todos os lados.	33
Figura 8: Espaço pequeno localizado onde os alunos entram e saem da escola, também fica ao lado do bar.....	33
Figura 9: Espaço pequeno e fechado, localizado ao lado do ginásio, onde não havia iluminação.....	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	9
1.2 OBJETIVOS	9
1.2.1 <i>Objetivo geral</i>	9
1.2.2 <i>Objetivos específicos</i>	10
2 REVISAO DE LITERATURA	11
2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	11
2.2 ESPORTES NA ESCOLA	13
2.2.1 <i>“Esporte da escola” X “esporte na escola”</i>	14
2.3 PROFESSORADO DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	16
2.4 PRÁTICAS INOVADORAS	18
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO.....	22
3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	22
3.3 INSTRUMENTOS E MATERIAIS NA COLETA DE INFORMAÇÕES	23
3.4 PLANO DE COLETA DE INFORMAÇÕES.....	23
3.5 TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES.....	24
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO	25
4.1 AÇÃO DESENVOLVIDA	25
4.2 O “QUERER” DOS ALUNOS.....	27
4.3 O “QUERER” DO PROFESSOR.....	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	40
ANEXO A - PLANO DE ENSINO.....	42

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo apresenta uma pesquisa que investigou as práticas inovadoras desenvolvidas durante o Estágio de Docência em Educação Física no Ensino Fundamental, realizado no primeiro semestre de 2014, dentro das aulas de Educação Física em uma escola estadual localizada na zona norte de Porto Alegre/RS. Essas práticas com que trabalhei são tratadas como um movimento renovador da prática pedagógica da Educação Física escolar pela construção de novos conhecimentos relacionados às manifestações da cultura corporal de movimento. Entretanto, ainda há uma grande dificuldade de traduzir esses avanços epistemológicos e teóricos no campo da intervenção pedagógica (FENSTERSEIFER; SILVA, 2011; BRACHT; SILVA, 2012).

Este termo práticas inovadoras me capturou, pois vejo nele uma possibilidade de ensino de novos conhecimentos aos alunos, atribuindo a novas culturas corporais de movimento, fugindo do que sempre é visto em sala de aula, diversificando temas, que possibilitem tanto um crescimento por parte dos alunos, quando meu crescimento profissional.

Frente a essa vivência do Estágio de Docência em Educação Física no Ensino Fundamental, as relações que pude estabelecer nessa instituição foram me influenciando a buscar embasamento teórico para as discussões iniciadas de forma empírica nos corredores, sala dos professores e em ambientes utilizados para observação de aulas dos colegas. As discussões realizadas foram subsidiadas por estudos como Vago (1996), Molina Neto (1998), Fensterseifer e Silva (2011) e Bracht e Silva (2012), além dos Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul, os quais me forneceram argumentos para entender as situações que nos rodeiam e buscar formas de modificar as posturas e pontos de vista, em relação aos conteúdos ensinados e a forma de ensinar o conteúdo inovador, de grande parte da comunidade escolar.

Começo pensando em Educação Física escolar e o que esta prática representa: muitas pessoas com quem conversei a retratam como atividades e brincadeiras referentes àqueles esportes que estamos acostumados a vivenciar todos os dias como o futebol (ou futsal), voleibol, handebol e basquetebol, incluindo, também, o atletismo como um dos esportes a ser ensinado nas escolas. Esportes que para Carlan *et al.* (2012) continuam sendo uma expressão muito presente na

cultura corporal de movimento, permanecendo como um dos conteúdos predominantes no ensino da Educação Física escolar, por serem valorizados como um princípio educativo, e tendo a escola como uma instância fomentadora de valores sociais.

Aos estudantes, merecem ser proporcionadas vivências de diferentes manifestações culturais, tendo como finalidade construir uma bagagem de conhecimentos que servirão para serem utilizados tanto dentro quanto fora do ambiente escolar. Ao proporcionar essas diversas manifestações aos alunos estou dando como possibilidade da escolha, por parte deles, de conhecer algo diferente, através de suas habilidades e estilos pessoais e mostrando que um mesmo gesto pode ser utilizado em diferentes contextos e com significados diferentes, como por exemplo, o arremesso, que pode ser o do handebol, mas também podendo ser utilizado na queimada; ou a rebatida, que pode ser a do tênis, mas também utilizada no taco, no *softball*.

Brasil (1998b) *apud* Darido *et al.* (2001) mostra que nosso papel como professor de Educação Física é: abordar os conteúdos de forma com que os alunos aprendam o saber fazer (dimensão procedimental); proporcionar atividades nas quais mostrem aos alunos como devem ser (dimensão atitudinal); oportunizar ao aluno o que deve saber (dimensão conceitual).

É importante compreender a prática pedagógica do professor que vai além do se apropriar de dados, conteúdos, resultados, metodologias, estratégias e didáticas. Além de tudo que foi citado anteriormente, ele deve “mergulhar” em uma concepção teórico-prática do esporte escolar, que, por sua vez, toma como suporte a compreensão experiencial do seu fazer docente, ou seja, o professor precisa estar diretamente em constante transformação, olhando, analisando, repensando, reconfigurando e reavaliando o seu modo de trabalho. Diante de fatos que são caracterizados pelo desinvestimento da docência na área da Educação Física escolar tem surgido intervenções que buscam e se reconhecem como “inovadoras” (CARLAN *et al.* 2012).

Borba e Wittizorecki (2014) através do artigo “Micropolítica Escolar e o trabalho docente em Educação Física: negociações, acordos e concessões”, apontam em um trecho, que as situações habituais ao professorado, como trabalhar assuntos diversificados e inovadores, podem ser vistas a partir dos estágios

curriculares oportunizando vivências dos diferentes contextos em que a Educação Física se insere, conduzindo assim o perfil de um futuro profissional que deseja ser.

Buscando uma aproximação com os temas práticas inovadoras, escola e Educação Física, realizei uma busca em algumas revistas do campo da Educação Física (Movimento e Cadernos de Formação RBCE), através de assuntos que envolvessem “práticas inovadoras”, “Educação Física escolar”, e “esportes alternativos”. Na revista Movimento obtive quatro artigos: Vago (1996), Molina Neto (1998), Lovisolo (2001) e Carlan *et al.* (2012). Nos Cadernos de Formação RBCE, identifiquei cinco artigos: Bracht (1999), Vaz (2010), Giglio (2011), Port *et al.* (2013), Kruger (2013), que continham estes termos ou assemelhados. Contudo, referente ao termo “esportes alternativos”, encontrei em todas as fontes vasculhadas apenas quatro artigos. O que mais se encontravam eram artigos com esportes que envolviam o quarteto fantástico¹ (basquete e futebol como principais).

Diante do panorama acima apresentado, eis que surge o problema e os objetivos a serem alcançados com este estudo.

1.1 Problema de pesquisa

O problema de pesquisa formulado constitui-se na seguinte questão: **como os estudantes lidam com práticas inovadoras propostas nas aulas de Educação Física? De que forma a Educação Física escolar pode influenciar no processo de experimentação e adesão nas aulas de tais práticas?**

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Compreender como os estudantes lidam com práticas inovadoras nas aulas de Educação Física e como esse componente curricular pode influenciar nesse processo de experimentação e adesão a tais práticas.

¹ Neves *et al* (2013) tratam por quarteto fantástico aqueles esportes mais vistos nas escolas atualmente, como futsal, voleibol, basquetebol e handebol (termo esse nomeado sarcasticamente fazendo alusão ao quarteto de heróis conhecidos no universo da Marvel Heróis).

1.2.2 Objetivos específicos

- Identificar que tipo de atividades e práticas inovadoras provocam maior interesse e envolvimento por parte dos estudantes;
- Identificar quais atividades e práticas corporais que foram trabalhadas nesse projeto provocaram um maior interesse nesses estudantes;

2 REVISAO DE LITERATURA

2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Parto deste tópico por falar da Educação Física escolar e seu principal desenvolvimento no decorrer dos anos, atingindo aquele principal ponto do trabalho que são as atividades que envolvem as práticas inovadoras dentro do contexto escolar.

A Educação Física escolar se tornou, nos dias de hoje, um dos grandes temas de pesquisa na área da educação por estar vivenciando uma transição em sua prática pedagógica. Educação essa que determinou um tipo de prática pedagógica nas décadas de 1960, 1970, 1980 e grande parte da década de 1990, onde se configurou certa tradição, que de acordo com Silva e Bracht (2012), obteve o nome de Educação Física tradicional. Bracht (1999), já havia abordado que essa tradição seria composta por uma pedagogia de influência militar e médica (tendência higienista). Uma tendência que visava educar o corpo para a produção de saúde e educação para a saúde (hábitos saudáveis e higiênicos). Nesse mesmo texto, também, apontava a influência da instituição militar com a prática de exercícios sistematizados com uma perspectiva terapêutica, mas também pedagógica, visando um importante desenvolvimento da aptidão física (importante para capacidade produtiva da nação no trabalho) e do desporto (confirmação para firmar o país no concerto das nações desenvolvidas).

Silva e Bracht (2012) discutem que a partir da década de 1980 já se pode ver um novo movimento para a renovação da Educação Física escolar, mas que ainda possui grande dificuldade de traduzir esses avanços epistemológicos e teóricos no campo da intervenção pedagógica. Esse novo movimento, com um caráter político, vem sendo adjetivada como transformadora ou revolucionária de ordem social. Tem como critério a contribuição para a transformação (ou não) da sociedade capitalista, ou também como outra característica, poderia ser a utilização de novas técnicas de ensino para uma aprendizagem mais efetiva dos conteúdos.

Levando em conta apenas as escolas que conheci e tive uma experiência diária, entendo que esse movimento supracitado ainda é pouco materializado nos dias de hoje. Nessas instituições pude acompanhar e observar uma pequena diferença das atividades propostas pelos professores de Educação Física dentro de

sala de aula entre os diferentes níveis de ensino. Em geral, turmas de ensino fundamental anos iniciais, que abrangem turmas do primeiro ao quinto ano, recebem, predominantemente, atividades lúdicas com um intuito de logo serem introduzidas às práticas esportivas. Kunz (2010) atribui essa precocidade do ensino de modalidades esportivas às orientações de professores unidocentes (que desenvolvem todas as disciplinas dentro de sala de aula), e não àqueles profissionais qualificados da área; turmas de ensino fundamental anos finais, que abrangem do sexto ao nono ano, com atividades onde o predomínio é de técnicas esportivas, entrando diretamente nos esportes; e turmas do ensino médio, que recebem como atividades, apenas a prática esportiva, onde prevalece o “rola bola”, termo esse utilizado por Silva e Bracht (2012), para demonstrar o “desinvestimento” por parte do professorado em Educação Física, que ao chegar ali, entrega a bola aos alunos e tem como maior esforço apitar o jogo.

No Ensino Médio, foi possível o acompanhamento de atividades de turno inverso, incluindo na maioria das vezes a Educação Física, fato que me faz pensar no “desinvestimento” por parte, não só do professorado, mas também da escola. Esses fatos levam ao pensamento de muitas pessoas que se envolvem no âmbito escolar, que a Educação Física trabalha predominantemente com brincadeiras e jogos. Torno a ressaltar que o supracitado é referindo-me apenas as escolas onde tive uma experiência interna.

Como os estudantes de Educação Física sabem, a Educação Física escolar tem como objetivo proporcionar diversas possibilidades de movimentos para os alunos, onde aos poucos, eles consigam encontrar meios para que seu repertório motor possa ser utilizado, futuramente, para uma crescente possibilidade de serem indivíduos saudáveis, e com uma excelente qualidade de vida. Além disso, Molina Neto (1998) aponta o privilégio de trabalhar o aluno nos seus aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores, além de trabalhar também valores e atitudes na sua totalidade. Esses fatos anteriormente citados podem ser observados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), onde abordam que devem ser proporcionadas ao indivíduo, vivências de diferentes manifestações culturais, que vão construir um vasto repertório de conhecimentos, que servirão algum dia, para serem utilizados, também, fora do ambiente escolar.

Em vista disso, pude observar a predominância do conteúdo esportivo nas aulas de Educação Física, estas ministradas por professores que abordam

principalmente aqueles esportes do “quarteto fantástico” (termo irônico utilizado para fazer alusão aos esportes de futsal, voleibol, handebol e basquetebol), e tendo também, o atletismo como cartilha de muitas escolas. É clara essa predominância do esporte nas aulas de Educação Física por parte dos alunos, para essas práticas corporais.

Os professores devem usufruir o que a escola possibilita aos alunos, incentivando-os a se posicionar frente às realidades do mundo, abordando as atitudes existentes dentro de cada um, como o incentivo a enfrentar um mundo de frente, encarar os problemas do dia a dia, além das possibilidades de analisar, refletir, brigar, ponderar, negociar, respeitar o outro, tudo isso apontando os valores diários de suas atitudes. Não se pode negar que cada indivíduo possui suas características, então é preciso abordar estes assuntos de acordo com a individualidade de cada um, além de criar condições para investir na diversidade (e não na uniformidade), no protagonismo, na construção conjunta de conhecimentos, e não na repetição (GONZÁLEZ; FRAGA, 2012).

Educação Física escolar é uma área muito abrangente, tendo diversos assuntos a serem tratados, como vem redigido no Referencial Curricular do Rio Grande do Sul (2009), que divide os estudos em vários âmbitos, tendo todas as áreas, uma relação direta à cultura corporal de movimento humano, o qual fica representado dentro das práticas inovadoras pela área dos esportes neste trabalho.

2.2 ESPORTES NA ESCOLA

Partindo disso, nesse segundo tópico venho abordar essa cultura corporal de movimento, onde Vago (1996) aponta, o esporte, como sendo um fato histórico e cultural tê-lo como principal conteúdo (se não único) na Educação Física escolar. Não questiono e nem discordo disso, pelo fato do esporte ter se transformado em um elemento hegemônico dessa cultura de movimento, devido a ele ser importante nessas relações sociais. Além disso, Carlan *et al.* (2012) afirma que os esportes são vistos como um princípio educativo, e tem a escola como uma instância fomentadora de valores sociais, e por isso permanecem como um dos conteúdos predominantes no ensino da Educação Física escolar.

No Brasil, a história do esporte evidencia sua origem aristocrática, mas também um movimento de popularização crescente de algumas manifestações,

como o futebol, que é uma manifestação cultural com diversos seguidores no país. Como Lovisolo (2001) traz, se andarmos em meio a crianças e jovens de camadas populares, logo teremos diversos sonhos configurados da mente delas, sonhos de futuramente se tornarem esportistas, principalmente como aqueles que estão diretamente expostos hoje na mídia, como Messi e Neymar.

Kunz (2000) *apud* Lovisolo (2001) aponta o esporte como um movimento no qual os alunos desenvolvem suas capacidades de agir, errar e acertar, resumindo isso a prática, e nada como a escola para poder oportunizar estas ações para as crianças e jovens.

Vago (1996) questiona se essa escola, que permite o desenvolvimento dessas capacidades que foram citadas anteriormente, não é apenas um lugar utilizado pelas crianças de camadas populares para praticar esportes, de forma gratuita, nos espaços internos da instituição. Porém, em algumas experiências diárias que obtive, em algumas escolas, percebi a não liberação, por parte da escola, destes espaços para a prática sem algum intuito de ensino-aprendizagem. Essas instituições acabam por se aproveitar deste conhecimento incorporado à rotina escolar, dando a possibilidade do aproveitamento disso pelos professores de Educação Física, em transformar esse esporte, institucionalizado, em objeto de ensino com condições de ampliar sua prática, produzindo uma cultura escolar de esporte.

Com uma diferença entre esportes institucionalizados e esportes não institucionalizados, começa uma vasta discussão referente a essa diferença, tornando assim dizer “esportes da escola” X “esportes na escola” (VAGO, 1996).

2.2.1 “Esporte da escola” X “esporte na escola”

Aqueles esportes institucionalizados, com regras definidas, com equipes formadas e envolvidas em competições, são considerados como esportes que se introduzem no âmbito escolar, considerados como um tipo de “visitante” na escola. Seria o “esporte na escola”. Quando é um esporte introduzido na escola, sendo modificado as suas características ou regras, e até mesmo, sendo criado outro tipo de esporte, estamos criando o esporte não institucionalizado, ou seja, “esporte da escola”. Vago (1996) relata estudos que mostram um tipo de submissão e dependência da Educação Física frente ao esporte rendimento, mas nos anos 80,

começa a ser problematizada essa submissão, onde se afirma que o esporte na escola é mais visto do que o esporte da escola.

Lovisoló (2001) traz que esse sentido que deve ser abordado pelo “esporte da escola” tem que ser diferente daquele que possui o esporte rendimento. Ele mesmo traz, que nas aulas dadas, não significa que todos os alunos vão participar, que nem todos queiram se incluir ou participar com a mesma intensidade, como pode também, existir aqueles alunos que de forma alguma queiram se incluir. Por isso, tem que ser algo motivante, que prenda a atenção dos alunos, onde ocorra a inclusão de todos, fato este que não ocorre no esporte rendimento, que trabalha exatamente com a competição, excluindo, de certa forma, os menos preparados. Lovisoló (2001) também aponta que se tentarmos uma participação pela obrigação, podemos muitas vezes obter como resposta a presença ausente da aula. O esporte lida com o estético, com gostos e emoções, do corpo e do desempenho esportivo. Sabendo isso, a visão do professor frente a diferentes situações na escola, pode ser abordada de várias formas, evitando assim o problema que diversos educadores enfrentam como a desistência de muitos das aulas de Educação Física.

Se tratando em “esporte da escola”, não ficaremos livres de algum tipo de competição, pois é da característica do esporte, mas não implica que isso seja o objetivo principal da atividade (LOVISOLO, 2001). Não podemos confundir esse elemento competitivo com aquele contido no espírito humano, como aponta Freire (1992), onde sempre haverá uma supervalorização do vencedor, além de uma discriminação que sofrem aqueles que são incapazes de vencer.

A competição abordada na Educação Física pode ser vista no decorrer das minhas experiências dentro de algumas escolas, como aquelas que possuem suas equipes esportivas, onde o principal objetivo é representar a escola em torneios intercolegiais. Infelizmente, muitas escolas liberam seus alunos, que fazem parte das equipes esportivas da escola, das atividades de Educação Física, abrindo mão desses “esportes da escola” e abrindo mão também dessa reflexão ética, dos reforços de valores positivos e das críticas dos negativos de forma prática que só na aula de Educação Física têm (BRACHT, 2000; STIGGER, 2001; VAZ, 2001, *apud* LOVISOLO, 2001).

O interesse do professor ao ensinar esse esporte para os alunos e poder trazer o aluno para a aula, é de acordo com Bracht (1992) *apud* Vago (1996):

[...] incentivar os alunos e possibilitar-lhes a participação no planejamento das aulas; - incentivar os alunos a expressarem idéias para a realização dos jogos; - conduzir reflexões e discussões com os alunos sobre as atividades desenvolvidas, levando-os a refletir quanto a: 1. Importância da participação de todos os integrantes do grupo; 2. possibilidade e necessidade de mudança de regras; necessidade de conseguir ambiente agradável, cooperativo e de companheirismo nos jogos; - considerar as ideias expressas pelos alunos e submetê-las à apreciação do grupo; - engajar os alunos na organização e validação das atividades realizadas nas aulas; - levar em consideração a importância de uma disciplina funcional, espontânea, em contraposição à disciplina imposta; - explorar e utilizar a colocação de problemas aos alunos, com o objetivo de levá-los à atividade reflexiva (1996, p. 15).

Assim como citado acima, não deve deixar de lado o que o aluno já conhece, pelo contrário, deve entrar em contato com o conhecimento próprio dele, incentivando-o.

Assim como Molina Neto (1998) cita, os alunos gostam de jogar e a Educação Física permite, com êxito, através destes esportes não institucionalizados. Não podemos restringir tais atividades pela escola, e sim darmos total liberdade para que esses “esportes da escola” ultrapassem os muros do ambiente escolar e venham a ser praticados, no dia a dia, pelos alunos, em diferentes ambientes e circunstâncias. Assim como um dia o esporte entrou na escola, devemos permitir que esse esporte, não institucionalizado, saia dela.

Ao falar tanto das diferenças entre “esportes na escola” e “esportes da escola”, pude encontrar algo em comum entre elas. Lovisolo (2001) aborda o esporte como diversão, o trabalho direto com a emoção se opondo ao tédio, além de promover amizade, sociabilidade, entre outras funcionalidades. O papel do professor é simplesmente importante, para mostrar o que se deve aproveitar desses desafios que as diferenças entre os dois termos (esportes na escola X esportes da escola) nos proporciona, como variações e complementos que um irá causar no outro, possibilitando, também, saber agir em diferentes contextos.

2.3 PROFESSORADO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Neste tópico discuto o trabalho do professor de Educação Física no contexto escolar. É, sem dúvida, uma das partes mais importantes do trabalho, fazendo com que eu possa entrar de vez no assunto que pretendo abordar. Esse assunto se torna

importante pelo fato do professor ser o principal introdutor destas práticas inovadoras no âmbito escolar, fugindo daquele “quarteto fantástico” já citado anteriormente, além de tornar o esporte não institucionalizado.

Em qualquer ambiente escolar que se possa frequentar, fica muito fácil a localização de um profissional de Educação Física que trabalha naquele espaço. Algumas características destes professores que os diferenciam dos demais em meio ao coletivo, que são: as roupas que usa; os materiais de trabalho (bolas, cronômetro, apito, etc.); e o lugar em que realiza suas aulas (podendo ser em ginásios fechados ou ao ar livre) (MOLINA NETO, 1998).

Freire (1992) já trazia que o papel do professor era apresentar o novo, o inusitado, o desconhecido, para aquelas crianças que estão ali para aprender. Provocar o desequilíbrio de conhecimentos nestas crianças, não as deixando perdidas, mas tentar buscar as soluções para as dificuldades que devem ser impostas. Brasil (1998b) *apud* Darido *et al.* (2001) aponta que papel dos professores de Educação Física é trabalhar os alunos nas suas dimensões procedimentais², atitudinais³ e conceituais⁴.

Molina Neto (1998), no entanto, aponta que esse conteúdo abordado pelo professor, fica a critério do material que dispõe, e também ensina de acordo com suas preferências pessoais, onde fica cercado, geralmente, pelos esportes coletivos e ginástica geral, numa concepção esportiva tradicional, fato esse muito visto nos dias atuais em escolas que pude acompanhar. A preocupação fica em torno, apenas, da iniciação esportiva, e se envolve pouco na integração de sua disciplina com o projeto pedagógico da escola.

Molina Neto (1998) realizou um estudo em quatro escolas públicas de Porto Alegre, entre os anos de 1992 e 1996, no qual aponta o professor como aquele “que faz o que pode” dentro das condições materiais em que dispõe, e também aquele que “faz o que quer”, dentro da ampla liberdade que possui na escola e da pouca orientação pedagógica que recebe pela administração escolar. Em escolas públicas, esse trabalho foi vinculado diretamente ao interesse do professor, pois ficou livre pra executar o plano que quisesse.

² Dimensão procedimental é apresentar ao aluno o que deve saber fazer (ligados ao fazer).

³ Dimensão atitudinal é ensinar ao aluno como ele deve ser (normas, valores e atitudes).

⁴ Dimensão conceitual é levar ao aluno o que deve saber (fatos, conceitos e princípios).

Na Rede Estadual de Ensino do RS, os baixos salários mensais e os espaços/materiais insuficientes para desenvolver as tarefas educativas caracterizam grande parte do trabalho do professorado de Educação Física. Ainda assim, estas circunstâncias permitem aos professores trabalharem com a criatividade, ou seja, desenvolver um trabalho criativo (MOLINA NETO, 1998). Entretanto, Freire (1992) já apontava este como um dos graves empecilhos para uma Educação Física de melhor qualidade. Aquilo que falta não são os materiais, mas sim a criatividade. Um bom exemplo que Freire (1992) descreve, é um professor que em uma das atividades elaboradas, vai utilizar como material para a aula saquinhos de milho, e se permite indagar que não será incomum encontrar professores que ao se depararem com a falta desse material, deixe de realizar tal atividade, sem ao menos se esforçar para adaptá-lo.

Para esse tipo de adaptação e para o ensinamento, é fundamental esse professor ter vivências constantes de aprendizagem, deve ter uma formação na área específica e também a confiança de que há algo a ensinar para que seja relevante para a vida da criança (GONZÁLEZ; FRAGA, 2012).

Borba e Wittizorecki (2014) apontam o papel importante que os estágios curriculares têm a oferecer ao professorado, como a oportunidade de vivenciar os diferentes contextos em que a Educação Física se insere, e se possível, vivenciar, também, essa variabilidade de materiais (alguns inteiros e outros quebrados) e algumas diferenças nos espaços, como alguns conservados e outros desgastados. Esta prática pedagógica do professor de Educação Física está fortemente ligada à sua constituição profissional, portanto, a formação do professor é um ato contínuo que não se encerra ao terminar a graduação ou qualquer outra formação. Pelo contrário, estende-se por toda sua trajetória profissional (FENSTERSEIFER; SILVA, 2011).

2.4 PRÁTICAS INOVADORAS

Ao referir-me sobre esse tema, gostaria de abordar Fensterseifer e Silva (2011) onde apontam que a Educação Física escolar vive uma transição na sua prática pedagógica. Uma transição caracterizada por um movimento que faz com que a Educação Física busque elementos para construir uma prática pedagógica não apenas no exercitar-se ou nos esportes conhecidos e mais jogados, mas na

aquisição de novos conhecimentos relacionados às manifestações da cultura corporal de movimento. É importante compreender a prática pedagógica do professor que vai além do se apropriar de dados, conteúdos, resultados, metodologias, estratégias e didáticas (CARLAN *et al.* 2012).

Silva e Bracht (2012) caracterizam a prática pedagógica da Educação Física em três tipos, sendo as duas primeiras mais comuns e vistas na maioria das escolas: a primeira é aquela que continua a tradição que foi construída nas décadas de 1970 e 1980 e que se instalou facilmente nas escolas. A segunda é aquela que pode ser caracterizada como um desinvestimento por parte dos professores (“professor rola bola”, “pedagogia da sombra”) e a terceira, menos comum, é aquela que busca inovar, busca modificar e, assim, foge da tradição instalada.

A prática do primeiro tipo caracteriza os professores por organizar o ensino no aprimoramento a prática de alguns esportes, como aqueles já conhecidos e tratados como “quarteto fantástico” (voleibol, basquetebol, handebol e futebol).

Aqueles que a prática é caracterizada como “professor rola bola” e/ou “pedagogia da sombra”, apenas querem manter seus alunos ocupados com alguma atividade (desinvestimento pedagógico), e que podem ser reconhecidos dentro do ambiente escolar como os administradores de material esportivo.

Já o terceiro tipo que é menos visto, denominamos de prática inovadora, tem o professor que busca: - inovar os conteúdos, aplicando outras manifestações da cultura corporal de movimento; - envolver o aluno como sujeito do conhecimento, construindo um ambiente de co-gestão das aulas; - envolver o aluno nas decisões do que avaliar, como avaliar e no próprio ato de avaliação (auto-avaliação); - articular a Educação Física ao projeto pedagógico da escola (currículo escolar); - desenvolver os conteúdos de forma progressista e com a preocupação sistematizadora (FENSTERSEIFER; SILVA, 2011; SILVA; BRACHT, 2012).

É comum chegarmos às escolas, em turmas que estamos entrando pela primeira vez ou turmas que tiveram um trabalho com professores unidocentes (professores que desenvolvem o trabalho geral da turma, aplicando todas as disciplinas, incluindo a Educação Física), e ao iniciar nossa aula, podemos ter aquela criança que vem questionar o que teremos em aula. Dependendo da nossa resposta, podemos ouvir um retruque: “ah não sor! Vamos fazer outra coisa”. Como González e Fraga (2012) tratam, o retruque do aluno pode acontecer pela tradição

sobre a condição da Educação Física escolar, e talvez por aquele desinvestimento do professorado, que deveria ter deixado o aluno “livre” neste momento da aula.

Não só a minha função, mas a de todos professores de Educação Física, sem dúvida, é redirecionar o que está sendo feito e criar novas oportunidades de aprendizagem. Fazer com que esses alunos possam conhecer novos elementos da cultura corporal de movimento, não só nos esportes, mas também tudo que estiver relacionado ao movimentar-se, viabilizando outras possibilidades de construção de práticas corporais nos seus momentos de lazer.

Professores e professoras de Educação Física, como Vago (1996) trata, já possuem certa “autonomia pedagógica” para realizar o redirecionamento e a criação destas oportunidades necessárias. Pode-se dizer que existe o interesse por parte dos professores nessas mudanças, inovações que alteram o sentido da prática, utilizando-se desta troca de conhecimentos com outros professores, direção e supervisão, fazendo com que assegurem um trabalho coerente com a realidade escolar. Uma ausência nisso, pode inviabilizar o amadurecimento de boas ideias (SILVA; BRACHT, 2012).

É importante ressaltar que mesmo desenvolvendo os esportes do “quarteto fantástico”, podemos trabalhar as práticas inovadoras dentro do seu contexto, como Carlan *et al* (2012) trazem em seu estudo, o desenvolvimento do futebol em diferentes âmbitos, para diferentes turmas, não trabalhando sempre o mesmo, mas sim buscando o trabalho de arbitragem, de treinador e outras funções dentro do esporte, o que caracteriza essa variação.

Essas inovações, na maioria das vezes, estão relacionadas às histórias de vida dos professores e a forma como se relacionam com a profissão, assumindo posturas mais autônomas para o desenvolvimento do trabalho. Mas não devemos manter uma prevalência das vontades do professor, já que a intenção é fazer algo democrático, fazendo com que haja uma excelente relação entre aluno-professor, partindo do afeto, da aprendizagem e não da obrigatoriedade (SILVA; BRACHT, 2012).

É importante mostrar que assim como a Educação Física escolar obteve mudanças durante os anos, partindo de uma Educação Física militar e médica, chegando até este pensamento pedagógico renovador, o esporte também vive um período de renascimento, como trata Carlan *et al.* (2012).

As críticas ao esporte em relação aos desdobramentos sociopolíticos ficam de lado, partindo para críticas, agora, centradas na compreensão do esporte enquanto fenômeno sociocultural. A dificuldade fica em torno de entrar na escola e ensinar o novo para aquelas crianças que fazem sempre do mesmo. O meu desafio, então, é de apresentar a Educação Física com as minhas características, e não continuar “cultivando” o que a maioria dos professores apresentam.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

O trabalho caracteriza-se como um estudo de caso qualitativo do tipo descritivo.

Lüdke e André (1986) tratam o estudo qualitativo em cinco pontos: 1) que se desenvolve em um ambiente natural com sua fonte direta de dados e o pesquisador como principal instrumento; 2) apresentam dados predominantemente descritivos; 3) a preocupação com o processo é tão importante quanto com o produto do estudo; 4) a importância que as pessoas dão às coisas e à sua vida são fatores de atenção pelo pesquisador; e, 5) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Ao tratar do estudo de caso, Lüdke e André (1986) apontam a importância de explorar e compreender os fatos, além de ser um estudo de fenômeno bem delimitado, com algumas particularidades. Dentre elas, o cuidado especial que se deve ter com as deduções generalizadoras: como cada caso é tratado como singular e único, a generalização passa a ter menor relevância.

Este estudo de caso que relato busca visibilizar as possibilidades e efeitos do trabalho com práticas inovadoras aos futuros professores de Educação Física, indo ao encontro de tudo aquilo que se aprende nos anos de graduação, de modo a evitar a prática de estar ensinando sempre o mesmo.

3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

O estudo foi realizado em uma escola estadual de Porto Alegre, localizada no bairro São Geraldo, zona norte da capital. A escolha por essa escola se deu pelo fato de ser um dos locais onde ocorreu o Estágio de Docência em Educação Física no Ensino Fundamental, no qual estava matriculado no primeiro semestre de 2014.

Este estágio supracitado se refere a uma ação realizada pelos estudantes de licenciatura da graduação, desenvolvida durante um semestre na faculdade, para os devidos fins acadêmicos de formação. Além disso, permite ao graduando vivenciar a prática de docência na escola e todo seu contexto.

Esta escola atende em torno de 700 crianças, com aulas nos turnos da manhã e tarde, oferecendo uma turma de educação infantil (nível B), quinze turmas de primeiro ao quinto ano e onze turmas do sexto ao nono ano. A turma que

trabalhei foi uma de segundo ano do Ensino Fundamental, onde a faixa etária dos estudantes variava de sete a oito anos.

São Geraldo é um bairro da cidade brasileira de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. É um bairro antigo, mas a partir de 1949, com ajuda dos moradores que viviam naquela região, foi encaminhado junto à Câmara de Vereadores, um pedido de oficialização e delimitação do bairro, que ocorreu através da lei 2022 de 7 de dezembro de 1959. Atualmente, o São Geraldo é considerado um bairro que mistura características residenciais e comerciais.

Atualmente o bairro conta com 8706 mil habitantes, de acordo com dados do censo do IBGE em 2010. A densidade demográfica deste bairro é de 4.606,35 hab./km² e o rendimento médio dos responsáveis por domicílios são de 4,14 salários mínimos⁵.

3.3 INSTRUMENTOS E MATERIAIS NA COLETA DE INFORMAÇÕES

Utilizei como instrumentos para coleta de informações neste estudo: as observações dos fenômenos que iam acontecendo durante o estágio docente (motivação dos alunos; desengajamentos da aula; participação dos alunos; reações frente as novas propostas); meus relatórios de estágio, pois contam as minhas aprendizagens vividas frente às atividades propostas; e também os planos de aula com as metodologias utilizadas para cada aula.

Não posso descartar a convivência que tive com meus colegas, nas quais pude trocar informações e dialogar frente as minhas idéias e sentimentos. As reuniões de terças-feiras, realizadas após todas as aulas de Educação Física da manhã, me ajudou a dialogar sobre meus aprendizados e vivências, além de ouvir a opinião de meus colegas frente ao que havia sido abordado.

3.4 PLANO DE COLETA DE INFORMAÇÕES

O primeiro contato com a escola se deu no dia 11 de março de 2014, primeiro dia do estágio docente, no qual fui conhecer o ambiente para a introdução do trabalho durante o semestre. Posteriormente, fui apresentado à orientação e

⁵ Os dados apresentados foram encontrados no site http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/?regioes=50_0_0, acessado em 5 de agosto de 2014.

supervisão pedagógica, onde através de uma conversa informal foi relatada a proposta do trabalho a ser realizado naquele espaço junto às crianças.

Minhas aulas foram ministradas duas vezes por semana (terças e quintas) com início às 10h20min (pós-recreio) até às 11h05min, com um período de 45 minutos. O trabalho foi realizado com um segundo ano do ensino fundamental, onde constituem a turma 20 crianças, possuindo idade média de sete anos. Trabalhei nos espaços, do ginásio, localizado no interior da escola, e no pátio, que era bem grande e me fazia sentir mais a vontade. Também, durante o estágio de docência, contava com o apoio de um de meus colegas, que era fundamental em qualquer ação que precisasse intervir.

Meu trabalho na escola iniciou no dia 11/03/2014 até o dia 03/07/2014, e durante esse período fui coletando todos os dados necessários para o trabalho, através das minhas observações e conversa com os colegas, registrados em diário de campo. Meu acompanhamento se deu pelo desenvolvimento dos alunos frente às novas propostas, como no caso a inclusão dos esportes de ginástica e *Dodgeball*⁶, tanto na parte motora quanto no desenvolvimento motivacional, visando um maior interesse em outros esportes, e não só naqueles que já conhecem como de fato é o interesse pelo futebol.

3.5 TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES

Após todas as observações necessárias, parti para a fase de discussão e descrição dos resultados, utilizando todas as informações que foram recolhidas durante o semestre e registradas em diário de campo, visando relacionar os temas com os autores discutidos no referencial teórico. Ao longo da discussão, busquei construir argumentos e interpretações que permitissem responder o problema e as questões de pesquisa.

⁶ É um esporte praticado nos EUA e regido pela *National Amateur Dodgeball Association (NADA)*, dividido em duas equipes e aqui no Brasil, em diferentes regiões pode receber o nome de “jogo da queimada” e “caçador”.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

4.1 AÇÃO DESENVOLVIDA

O Estágio de Docência em Educação Física no Ensino Fundamental, bastante falado neste trabalho é uma ação que nós, estudantes de graduação da referida licenciatura, temos que desenvolver durante um semestre na faculdade, para os devidos fins acadêmicos de formação. A pesquisa para este trabalho foi realizada do dia 11/03/2014 até o dia 03/07/2014, em uma escola estadual no Bairro São Geraldo, localizado na Zona Norte de Porto Alegre/RS.

Com a finalidade de desenvolver um trabalho de qualidade, busquei informações e materiais de diferentes métodos e conteúdos, deparando-me diretamente com o tema “práticas inovadoras” (SILVA e BRACHT, 2012), possibilitando conhecer novos conteúdos que podem ser classificados como “diferentes” e que poderiam ser abordados com os alunos para fins de aprendizagem. O que me ajudou, também, foram materiais de outras disciplinas como Ginástica Básica, Pedagogia do esporte, Desenvolvimento Motor e Introdução à Prática de Estágio, no qual analisei e de alguma forma me auxiliaram na confecção do Plano de Ensino, este desenvolvido por inteiro no semestre.

Tive a possibilidade de trabalhar com uma turma de segundo ano do ensino fundamental, onde a idade dos estudantes variava de sete a oito anos. Minhas aulas eram ministradas todas as terças e quintas das 10h20min às 11h05min, sendo este período pós-recreio. O plano de ensino foi pensado nesta questão também, pois como os alunos viriam do recreio bem agitados, a intenção das aulas seria trazê-los para outro nível de atenção fazendo com que obtivessem ganhos no repertório motor, além de oportunizar o trabalho coletivo e a cooperação. No final, através de uma atividade de volta à calma, propus atividades que pudessem reduzir a frequência cardíaca dos alunos, permitindo deixá-los mais calmos para atividades de aula subsequentes com a professora regente da turma.

A turma era composta por vinte alunos, mas em média por aula, havia a presença de dezessete estudantes, sempre contando com algumas ausências. A turma era bastante equilibrada, possuindo onze meninos e nove meninas.

Alguns fatos, além dos materiais de pesquisa encontrados, puderam me auxiliar muito neste trabalho. Um dos fatos foi o apoio de um colega durante o semestre inteiro, pois ele ajudava principalmente nos conflitos que ocorriam na aula.

Quando acontecia algum episódio de conflito ou lesão, ele auxiliava de forma direta na intervenção, mas não participava diretamente na confecção da aula. Outro fato importante foi a minha presença na escola, pois apesar da minha aula ser a última do estágio na manhã, eu chegava sempre no primeiro horário, às 7h30min, e acompanhava as aulas de todos meus colegas. Esta minha participação possibilitou-me um repertório muito vasto de atividades e uma elevação de minha confiança enquanto docente da escola.

Quando organizei minhas aulas, foquei exatamente em ensinar algo que trouxesse ganhos para o repertório motor destes alunos e os levassem a aprendizagens diferenciadas daquelas que costumavam experimentar. Procurei construir aulas com grande número de movimentos, trazendo ao final deste trabalho uma consciência maior dos movimentos fundamentais, como a manipulação, locomoção e estabilização, além de trabalhar as valências físicas como força, flexibilidade, velocidade, agilidade e equilíbrio.

Prevaleci em trabalhar dois esportes que pudessem desenvolver essas características anteriormente citadas. Estas práticas inovadoras não são muito vistas nas escolas, além disso, verifiquei a possibilidade de obterem ganhos em sua cultura corporal de movimento.

O primeiro esporte foi a ginástica artística, desenvolvendo as valências físicas como força, equilíbrio, flexibilidade e velocidade, além de trabalhar os movimentos básicos como rolo (“cambalhota” para frente, para trás), roda (“estrelinha” de ambos os lados), saltos (extensão⁷, afastado⁸, grupado⁹, carpado¹⁰ e pirueta¹¹), e também o trabalho construído com materiais como corda, arco (bambolê), bola e balão.

O segundo esporte foi o *Dodgeball* (queimada Americana), trabalhando com as variações de queimada como “stop” e “queimada em quatro cantos”, chegando até o esporte, cuja parte introdutória foi feita na apresentação do filme “Com a Bola Toda”, que mostra uma competição de *Dodgeball* e ensina os fundamentos básicos. Após isso fomos para a prática.

⁷ Movimento da ginástica relacionado a um salto onde o corpo fica totalmente na vertical, ombros flexionados, cotovelos, quadril e joelhos estendidos.

⁸ Movimento da ginástica onde os joelhos ficam estendidos, e o quadril em flexão e abdução.

⁹ Movimento da ginástica onde ocorre uma flexão de quadril e flexão de joelhos.

¹⁰ Movimento da ginástica onde ocorre flexão de quadril e joelhos estendidos.

¹¹ Movimento da ginástica relacionado a um salto onde o corpo fica totalmente na vertical, com ombros flexionados, cotovelos, quadril e joelhos estendidos, e o executante dá um giro de 360° no eixo longitudinal.

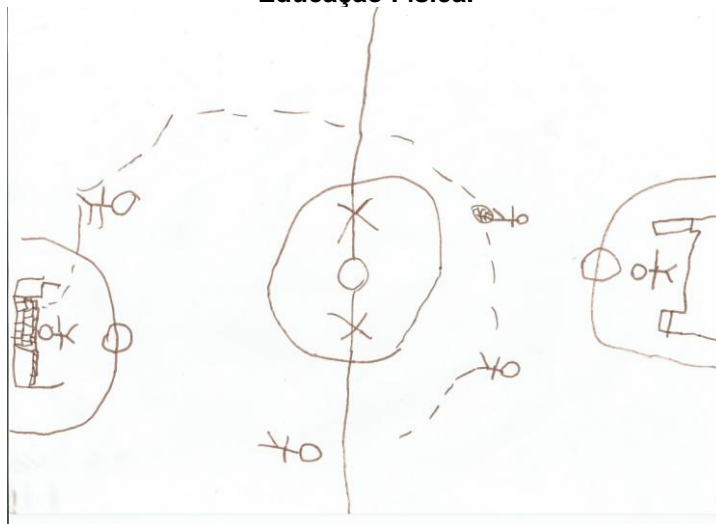
Conheci este segundo esporte devido a um estágio que realizei numa das principais escolas particulares de Porto Alegre. É uma escola que trabalha muito nesta questão de práticas inovadoras, apresentando esportes de diferentes culturas para as crianças e assim mantendo-as sempre atentas a aula. Tendo em vista isso, as crianças possuem suas preferências de atividades, então procurei algo que mesclasse suas vontades com as minhas, sem abordar sempre do mesmo.

4.2 O “QUERER” DOS ALUNOS

Conhecer os alunos e as preferências foram os primeiros aspectos que atentei fazer nas aulas iniciais. Este era meu objetivo para o início da docência neste Estágio de Docência em Educação Física no Ensino Fundamental. A primeira atividade que realizei foram as perguntas “o que significa Educação Física?” e “quais atividades vocês gostariam de ter na aula?”. Os estudantes poderiam responder em formato de desenho ou escrevendo, caso quisessem.

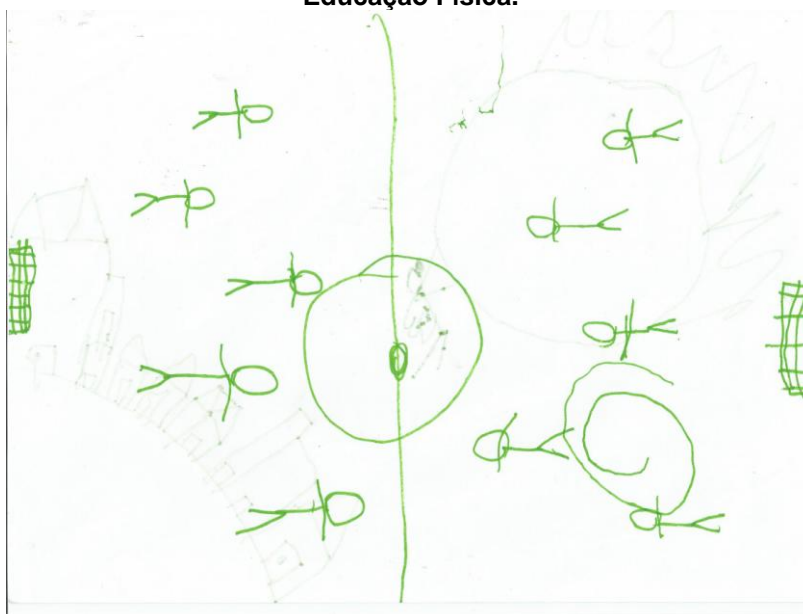
Obtive um retorno muito interessante, pois além do que eu esperava, eles gostavam de outras atividades que eu mesmo desconhecia que pudessem conhecer. Devido à cultura do “esporte nacional”, o futebol foi a atividade mais manifestada, dentre os vinte pedidos, além de atividades com corda e até mesmo “Ping Pong”. Apresento na sequência duas imagens de desenhos feitos pelos alunos, no qual manifestavam o futebol como algo a ser ensinado na Educação Física. Além de terem feito o desenho, afirmaram a preferência deste esporte, na discussão realizada pós-atividade.

Figura 1: Desenho feito pelos alunos manifestando sua preferência pelo futebol nas aulas de Educação Física.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 2: Desenho feito pelos alunos manifestando a preferência pelo futebol nas aulas de Educação Física.



Fonte: arquivo pessoal.

Carlan *et al.* (2012) mostra em seu trabalho, que o futebol também pode ser abordado como uma prática inovadora, não ao dar a bola para os alunos e deixarem que só joguem, mas delegando funções, como técnico, árbitro ou mesário. A meu ver, essas atividades em delegar funções devem ser designadas para crianças mais velhas. Para as crianças desta investigação, onde a média de idade variava em sete anos, as atividades mais lúdicas são predominantes.

Quando trabalhei com conteúdos novos, corri o risco de não obter efetividade na aula, através de uma desmotivação e um desengajamento do aluno, devida a sua

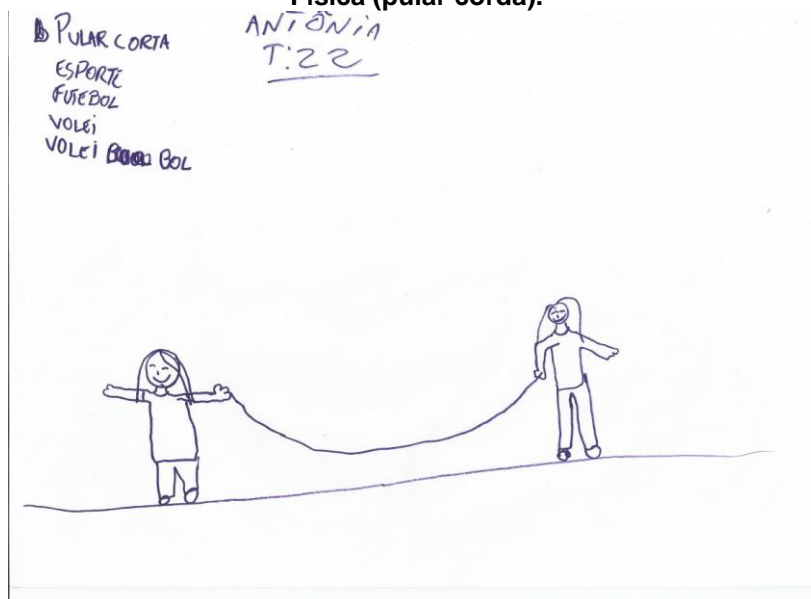
preferência não ter sido atendida. Fato esse que realmente aconteceu em algumas aulas. Este fato foi visto no trabalho de Kruger (2013) no qual a proposta de ensino era o tênis de campo, tendo uma boa aceitação nas três primeiras aulas, após isso obteve uma grande rejeição por parte dos alunos, ocasionando recusa de participar e até mesmo uma falta de disciplina com o professor. Tudo isso, devido ao ocorrido, fez o professor repensar na proposta de ensino.

Este tipo de motivação é tratada por Berleze *et al* (2002) como um estímulo, um motivo, para que aquela criança tenha vontade de realizar alguma atividade, tendo assim, mudanças na compreensão da aprendizagem e do seu desempenho. Ao não adaptarmos as atividades que os alunos desejam, podemos mexer na motivação intrínseca¹² deles, ou seja, talvez não esteja proporcionando uma satisfação que ele sinta ao praticar o que ele goste. O professor ao se deparar com essas circunstâncias de desmotivação e desengajamento, por parte dos alunos, possui grandes desafios: o primeiro é compreender o porquê ocorreu essa desmotivação; não permitir que essa desmotivação retire o seu aluno da aula; saber modificar essas circunstâncias sem alterar seus objetivos propostos.

Ao planejar as unidades didáticas, resolvi organizá-las em três grandes classes: uma que trabalhasse atividades lúdicas com mãos livres, outra que incluísse os materiais como bola, arco, balão e corda (material manifestado nos desenhos por algumas crianças), e esportes que incluiu o *dodgeball* e a ginástica artística. Optei por estes conteúdos e suprimi o futebol, naquele momento, pelo motivo de ser algo que nas minhas observações havia sido trabalhado bastante com a professora regente, ao disponibilizar o material para os alunos. Como nos desenhos a seguir, além do futebol, a corda foi abordada por alguns alunos, entrando o pular e o cabo de guerra.

¹² São aqueles fatores que tem como influência os fatores pessoais e psicológicos de cada indivíduo.

Figura 3: Desenhos feitos pelos alunos manifestando atividades com corda na Educação Física (pular corda).



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 4: Desenhos feitos pelos alunos manifestando atividades com corda na Educação Física (cabo de guerra).



Fonte: arquivo pessoal.

No trabalho desenvolvido foram utilizadas estas duas manifestações, das imagens 3 e 4, abordando na aula de corda, atividades com músicas infantis ao trilhar da corda e finalizando com cabo de guerra. A motivação dos estudantes foi algo considerado muito importante neste processo de elaboração do plano de ensino. Boa parte dos desenhos, exceto os que abordavam o futebol, me auxiliaram na construção das unidades didáticas.

Como foi citado anteriormente, os alunos ao abordarem suas atividades de preferência nos desenhos da atividade inicial, trouxeram o futebol como uma das atividades que eles gostariam de ter em aula. Abordar o futebol, naquele momento, seria trabalhar o mais do mesmo, sem o desenvolvimento de algo que eles pudessem ampliar seu repertório motor e bagagem de conhecimentos da cultura corporal de movimento.

Além do futebol, os estudantes manifestaram algumas práticas inovadoras que provocavam algum tipo de interesse, como o aprendizado de atividades que envolvam corrida, saltos, e utilização de materiais, como corda. Uma aluna trouxe o ping pong, fato que me surpreendeu, pois na escola não havia nenhum material que chamasse a atenção para isso, mas não descartei que pudesse ter tido o contato com essa atividade fora da escola.

Estes esportes que as crianças têm contato fora da escola, acabam por ser mais valorizados do que os esportes ensinados na escola. Lovisolo (2001) já aponta que o esporte da escola tem que ter um sentido diferente daquele que é praticado fora do contexto escolar. Aquele esporte praticado fora da escola tem um grande perfil competitivo, onde acaba por excluir os mais fracos. Já o esporte da escola, aquele que foi readaptado para o contexto que se insere, é indicado que se trabalhe com a inclusão dos alunos, permitindo que haja uma maior cooperação e disciplina por parte dos estudantes.

Meu papel foi saber lidar com esse perfil competitivo que existe entre os alunos, pois ao realizarem uma atividade bem, ou se conseguiram realizar primeiro, acabam por rir daqueles que chegaram por último, e isso acaba desmotivando aquele que por algumas vezes chegou depois.

A identificação das práticas que provocam maior interesse nos alunos ficou a critério da avaliação dos desenhos, pois representaria um interesse de que aquelas atividades fossem abordadas em aula, como o futebol e material corda.

4.3 O “QUERER” DO PROFESSOR

As atividades planejadas foram pensadas para que houvesse uma maior cooperação entre os estudantes e que pudessem usufruir dos diversos espaços que a escola proporcionava, adaptando os materiais para a aula específica do dia.

Através desta adaptação de materiais e a novas propostas de cultura corporal de movimento, além da cooperação, eu buscava uma melhoria do repertório motor dos alunos, fazendo com que usufríssem de novas experiências.

O *Dodgeball* fez com que eu adquirisse materiais específicos, como bolas de borrachas e conequinhos, para que abrangessem a prática de todos os alunos. Para a ginástica, utilizei todos os materiais que a escola me disponibilizou como colchonetes e colchão. Além disso, adquiri alguns materiais aleatórios, como cordas e arcos, para confecção de aulas com envolvimento de materiais. A seguir, mostro através de algumas fotos os locais que foram utilizados para as aulas.

Figura 5: Espaço localizado ao lado do bar e da cozinha da escola.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 6: Maior espaço para realização das aulas no pátio, localizado ao lado da direção, com duas quadras (vôlei e basquete) desenhadas no chão.



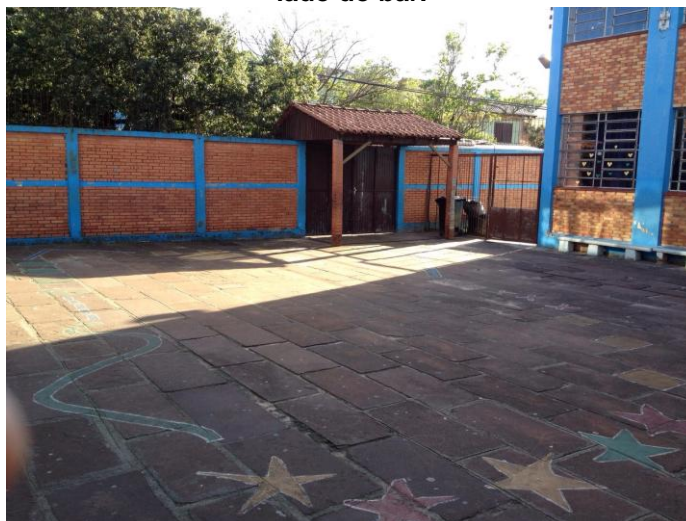
Fonte: arquivo pessoal.

Figura 7: Ginásio da escola, onde o espaço e delimitado por paredes em todos os lados.



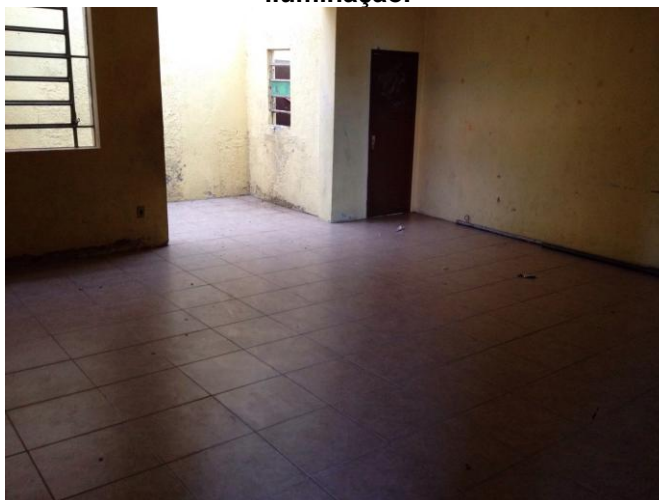
Fonte: arquivo pessoal.

Figura 8: Espaço pequeno localizado onde os alunos entram e saem da escola, também fica ao lado do bar.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 9: Espaço pequeno e fechado, localizado ao lado do ginásio, onde não havia iluminação.



Fonte: arquivo pessoal

Todos estes espaços foram utilizados com intuito de proporcionar aos alunos, vivências diversas, referente a atividades mais calmas, atividades mais agitadas, atividades que eu precisasse de uma maior atenção deles ou atividades que eles pudessem ficar mais livres. Construí uma melhor gestão da turma nos espaços do pátio, pois observei que os alunos ficavam mais próximos e eu teria um maior controle da turma, fazendo com que a aula transcorresse bem. O ginásio dava uma delimitação com suas paredes, que permitia aos alunos uma maior liberdade, fugindo um pouco do meu controle.

O surgimento do meu “querer” parte do início do primeiro semestre de 2014, quando tratei de contemplar as práticas inovadoras, identificando quais atividades poderiam chamar a atenção direta dos alunos. Quando apresentei a proposta das atividades aos estudantes, tive receio de que não os motivassem suficientemente e me fizesse perder alunos por aula, pela falta de vontade de realizar tais atividades. Assim como González e Fraga (2012) tratam em seu trabalho, alguns alunos perguntaram o que iríamos ter em aula, e na minha resposta indagaram, como os autores já previam: “Ah “sor”! Vamos fazer outra coisa”.

A indagação que foi citada acima apareceu algumas vezes nas primeiras aulas, até pelo fato de terem manifestado o interesse pelo futebol, mas como viram que não ia ser trabalhado, acabaram por indagar com tais palavras. Não alterei em nenhum momento meu planejamento, para que não fugisse dos objetivos. No entanto, com o passar das aulas, notei que a solicitação pelo futebol havia desaparecido, as aulas foram ficando cada vez mais dinâmicas e exigiam muito mais da atenção dos alunos para que conseguissem realizar os movimentos.

Avalio que nem todas minhas aulas foram satisfatórias, cumprindo com as finalidades que estipulei. Identifiquei a saída de alguns alunos que se desmotivaram e acabaram por ficar sentados e aprendi que as estratégias têm que ser adaptadas de acordo com o contexto, como por exemplo, quando uma criança sai da atividade e não quer mais participar, tenho que adaptar de alguma maneira para que essa criança volte para a aula sem a obrigação de ter que fazer, mas sim por querer fazer.

O professor é aquele que vai se deparar com algumas dificuldades durante sua carreira, como materiais e a própria individualidade do aluno, no qual tem que avaliar o contexto e adaptar a atividade para o mesmo. Betti e Rangel-Betti (1996) argumentam que diferentes alunos passarão pela trajetória profissional do professor,

onde cada estudante terá sua individualidade e ensinará algo novo, fato esse que servirá de aprendizado para sua carreira.

Quando articulei o meu querer e as manifestações dos alunos, tive um bom retorno devido a motivação deles, frente às propostas que por mim foram implantadas. Os desafios também foram colocados na aula e eles se sentiram mais motivados para completar tais atividades. Saber conversar com eles no início e explicar o que seria abordado em aula facilitou o entendimento por parte deles, levando-os a se apresentarem mais interessados. No final da aula, chamava-os para uma discussão e avaliação do que tinham feito. Obtive algumas respostas altamente construtivas, que me fizeram pensar nas melhoras não só nas aulas, mas no meu modo de agir.

Este desafio proporcionado aos estudantes dentro das atividades pode ser considerado como um estado de fluir, sendo trabalhado pela escola através dos jogos de cooperação. Para que isso aconteça é necessário que seja abordado e enfatizado as atividades lúdicas e não exclusivamente as competitivas, propiciando assim um ambiente sem medos, permitindo que os alunos desenvolvam a criatividade e os conhecimentos proporcionados (CORREIA, 2006).

Os alunos se envolveram muito em algumas atividades. As principais foram com a utilização do arco e da corda, além do esporte da ginástica artística. No material corda utilizei basicamente o que os alunos haviam solicitado nos desenhos, e no material arco trabalhei, principalmente, desafiando os alunos com a aplicação de diversos exercícios com aumento da complexidade. Os próprios alunos, ao realizarem o que foi solicitado, saíam bastante orgulhosos da atividade. Observei que a aula do dia 29 de abril havia transcorrido bem, quando me deparo com uma aluna que não fazia as aulas até então. Registro este mesmo fato no meu diário de campo:

A aluna “X” não vinha fazendo as aulas porque não estava gostando das atividades propostas. Devido a uma interferência da orientadora pedagógica, ela acabou retornando para aula onde realizou super bem as atividades, me chamando toda hora para que visse os movimentos. (Fragmento do diário de campo do dia 29/04/2014).

Trabalhei bastante com a disciplina e o bom comportamento dos estudantes. Quando, por algum motivo, faltavam com a disciplina, usava aquilo que a escola me proporcionava, como a utilização da orientação pedagógica.

A intervenção da orientação pedagógica junto a aluna “X” foi providencial para que ela voltasse às atividades, somado a percepção da própria aluna em ver seus colegas motivados e entretidos com os materiais da aula. A dificuldade da aula também permitiu que ela ultrapassasse os seus limites frente àqueles desafios propostos.

Nesta aula saí bastante satisfeito ao observar que todos os alunos realizaram as atividades, sem que nenhum ficasse de fora.

Outros dois momentos que pude verificar grande desempenho e participação por parte dos alunos, foi no esporte da ginástica artística, em dois momentos diversificados. As propostas das atividades foram variadas nestes dias, pois permiti que estivessem sempre em movimento, dificultando de um exercício para outro, e desafiando-os o todo tempo.

Na aula do dia 20 de maio, trabalhei diretamente com a cooperação entre os colegas, algo que fizesse com que trabalhassem em conjunto. Identifiquei uma grande dinâmica em todas as atividades, onde um ajudava ao outro, sem prejudicar, machucar ou reclamar do colega. Mantive-me próximo a eles, pois as atividades requeriam uma maior atenção de minha parte, para que nada saísse errado. Logo abaixo trago um registro do diário de campo que identifica o que pude analisar destas atividades:

[...] inclui atividades de força, onde pude ver um maior coleguismo entre eles, realizando as atividades perfeitamente e tendo todo cuidado no deslocamento. Meninos não se importaram em realizar as atividades com as meninas e o mesmo do outro lado (Fragmento do diário de campo do dia 20/05/2014).

Ficar próximo aos alunos permitia que passasse uma maior segurança a eles. Os alunos costumam expressar diversos comportamentos como cansaço e medo, onde faz com que entre o papel do professor, auxiliando na construção de formas operacionais e contextos pedagógicos. Esses procedimentos incluem as experiências de respeitar e ser respeitado; poder realizar ações conjuntas; diálogo entre aluno-aluno e aluno-professor; acesso aos alunos com conhecimentos que alimentem a compreensão e a cooperação (DARIDO *et al*, 2001).

Após este primeiro registro de uma das aulas de ginástica, que envolveu o trabalho de força e flexibilidade, encontrei e analisei outro registro dentro desta

mesma prática corporal. Neste próximo trecho, mostro uma atividade referente aos saltos que são abordados na ginástica artística.

Quando coloquei a mesa, para que eles subissem para saltar, identifiquei como se fosse um desafio para eles, no qual até o aluno “Y” que estava fora, entrou pra participar. Todos os alunos fizeram e gostaram do que estavam fazendo. Não tive problemas com nenhum aluno, onde estavam todos comprometidos na aula. (Fragmento do diário de campo do dia 10/06/2014).

Acabo analisando, após estes três registros, tais atitudes dos alunos referentes aos desafios propostos. Eles se motivaram ao perceberem que estavam sendo desafiados tanto por mim, quanto por eles mesmos. Isso acaba levando a uma atitude de superação, mostrando para mim e para os colegas que conseguem fazer.

Neste último registro, o aluno “Y” estava triste neste dia, por isso não estava participando, até que em um determinado momento, observei que o mesmo estava na fila esperando para que fosse a sua vez. Isso me permite concluir que ele se sentiu desafiado e foi realizar a atividade, vendo que todos seus colegas estavam conseguindo fazer.

Aquilo que provocou mais interesse neles acabou sendo estas atividades com materiais, quanto a ginástica, mas acredito que se todos os conteúdos abordados tivessem trabalhado com esses desafios, o interesse deles teriam permeado por outros campos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível trabalhar com as práticas inovadoras no contexto escolar, mas temos que analisar a forma que isto será trabalhado. Desenvolver as práticas inovadoras na escola é dar a possibilidade de um novo conhecimento de cultura corporal de movimento aos alunos, é desenvolver técnicas para o ensino-aprendizagem deles, além disso, é, ao mesmo tempo, fazer com que o professor pense no contexto que estas práticas serão inseridas.

Mesclar algumas atividades que os alunos manifestem com atividades que possibilitem essa nova cultura corporal de movimento, permite que os alunos se mantenham motivados e não percam a vontade de participar das aulas. Apresentar novos esportes, com atividades que envolvam a cooperação e a coletividade dos alunos, permite que se sintam desafiados e, assim, se manterão mais dispostos e presentes em aula, sem que haja desistências.

Ainda é possível ver muitos professores que são considerados por Silva e Bracht (2012) como “professores rola bola”, que apenas entregam os materiais aos alunos e permitem que usufruam como acharem necessário. Porém, muitos já buscam trabalhar com essas novas práticas, fazendo parte deste movimento renovador da Educação Física (SILVA; BRACHT, 2012).

Podemos ficar muito restritos aos materiais e espaços que nos são oferecidos, porém, temos que saber adaptar o que queremos trabalhar com os alunos. Nossos desafios, além destas adaptações, é saber fazer com que estes estudantes permaneçam motivados a realizar essas práticas inovadoras, e que não percam o total interesse pelas aulas por não ser algo de sua preferência.

Neste trabalho, frente as minhas propostas, os estudantes receberam novas atividades com olhares desconfiados, mas aos poucos foram acolhendo o que era sugerido. Aqueles esportes considerados tradicionais e que eram da preferência deles, acabaram, naquele momento, ficando de lado e fazendo com que eu pudesse inserir essa nova abordagem de práticas inovadoras.

A abordagem feita nestes esportes que são ensinados na escola permite uma grande diferenciação daquele mais competitivo, por exemplo, o esporte rendimento. Esporte rendimento vai trabalhar com o estético e acaba também por valorizar o vencedor, como cita Freire (1992), fato este que fará com que ocorra uma

discriminação daquele que foi incapaz de vencer, desmotivando-o e até mesmo fazendo com que saia da aula.

O mesmo autor indica que o papel do professor é ensinar o novo, o inusitado para aquelas crianças que estão ali, porém ele pode encontrar um empecilho, como por exemplo, a criatividade (FREIRE, 1992).

Os estudantes se disponibilizaram e souberam lidar muito bem com estas práticas inovadoras, pois ao se sentirem desafiados com atividades que não haviam praticado antes, tratavam de se envolver com aquilo que era sugerido a eles. Além disso, se mantiveram bastante motivados ao tentar resolver as atividades que o professor solicitava, nas quais se sentiam desafiados devido às dificuldades dos movimentos.

Estas práticas inovadoras vão permitir aos estudantes uma nova cultura corporal de movimento, fazendo com que experimentem gestos já conhecidos, agora em outras práticas. Além disso, grande parte do que foi aprendido, pode ser levado como aprendizado para as atividades de vida diária, como valências básicas de equilíbrio e força. Concordo com que Molina Neto (1998) apontou em seu trabalho, pois foi possível trabalhar o aluno nos seus aspectos cognitivos e afetivos, além de trabalhar valores e atitudes.

Através do estágio pude construir alguns aprendizados, como poder experimentar a docência e viver o dia a dia de um contexto escolar. Esta experiência permitiu-me trocar informações com colegas, direção, supervisão e orientação pedagógica, que me propiciou conhecer o trabalho de outras áreas dentro da escola.

Aprendi a avaliar o meu trabalho e pude agregar opiniões e críticas, que servirão para um grande crescimento, tanto pessoal quanto profissional. O professor é aquele que sempre estará num constante aprendizado, pois o ensino tende a ser diferente para os diferentes perfis de pessoas que passarão em nossa vida (BETTI; RANGEL-BETTI, 1996).

REFERÊNCIAS

- BERLEZE, A; VIEIRA, L. F; KREBS, R. J. Motivos que levam crianças à prática de atividades motoras na escola. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 13, n. 1, p. 99-107, 2008.
- BORBA, J.C.B.; WITTIZORECKI, E.S. Micropolítica Escolar e o trabalho docente em Educação Física: negociações, acordos e concessões. **Revista Didática Sistemica**, Rio Grande p. 55-68, 2014.
- BRACHT, V.A. Constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Caderno CEDES: Corpo e Educação**. Campinas, v.19, n.48, p.69-88, 1999.
- BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. MEC, 1997.
- CARLAN, P.; KUNZ, E.; FENSTERSEIFER, P.E. O esporte como conteúdo da Educação Física Escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica" inovadora". **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 4, p. 55-75, 2012.
- CORREIA, M. M. Jogos cooperativos: perspectivas, possibilidades e desafios na Educação Física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 2, 2006.
- DARIDO, S.C. et al. A Educação Física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 17-32, 2001.
- FENSTERSEIFER, P.E; SILVA, M.A. Ensaio do "novo" em Educação Física Escolar: a perspectiva de seus atores. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis, v. 33, n. 01, p. 119-134, jan./mar. 2011.
- FREIRE, J.B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. 3ª edição. São Paulo: Scipione, 1992.
- GIGLIO, S. S. Tchoukball: Que esporte é esse? **Cadernos de Formação RBCE**, Florianópolis, v. 2, n. 1, 2011.
- GONZÁLEZ, F.J; FRAGA, A.B. **Afazer da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar**. Erechim: Edelbra, 2012.
- GONZÁLEZ, F.J; FRAGA, A.B. **Referencial Curricular de Educação Física. RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico. (Org.). Referencias Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. 1 ed. Porto Alegre: SE/DP, 2009, v. 2, p. 112-181
- KRÜGER, G. O tênis de campo como uma possibilidade para as aulas de Educação Física escolar. **Cadernos de Formação RBCE**, Florianópolis, v. 4, n. 1, 2013.

KUNZ, E. **Transformações didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LOVISOLO, H. Mediação: Esporte rendimento e esporte da escola. **Movimento**. Porto Alegre, Ano VII, n. 15, p.107-117. 2001.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MOLINA NETO, V. A prática dos professores de Educação Física das escolas públicas de Porto Alegre. **Movimento**. Porto Alegre, n. 9, p. 31-46, 1998.

NEVES, R. B. P. *et al.* Rúgbi na escola?!... Perspectivas de uma proposta diversificada, pautada na pedagogia do esporte para a Educação Física Escolar do Ensino Fundamental. **Coleção Pesquisa em Educação Física** - Vol. 12, n. 4, 2013.

RANGEL-BETTI, I. C.; BETTI, M. Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 2, n. 1, p. 10-15, 1996.

SILVA, M.S; BRACHT, V. Na pista de práticas e professores inovadores na Educação Física escolar. **Revista Kinesis**. Santa Maria, v. 30, n. 1, p. 75-88, janeiro/junho, 2012.

VAGO, T. M.. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente – um diálogo com Valter Bracht. **Movimento**. Porto Alegre, n. 5, p. 4-17, 1996.

ANEXO A - PLANO DE ENSINO

PLANO DE ENSINO

DADOS IDENTIFICAÇÃO:

Ano: 2º ano do Ensino Fundamental Turma: 22 Nº Alunos: 20

Horário: 10h20 – 11h05 Faixa Etária: 7 anos

N. de Aulas previstas no semestre: 30 aulas Frequência Semanal: 2
vezes/semana

Professor: ElisandroWittizorecki

Estagiário: Maicon Morais de Oliveira da Silva Observador/apoiador: Samuel
Machado

CONTEÚDOS

- Conhecimento sobre o corpo
- Habilidades locomotoras
- Habilidades manipulativas
- Habilidades estabilizantes
- Jogos
- Ginástica
- Atividades expressivas
- Rodas cantadas

OBJETIVOS

- Realizar atividades de cooperação;
- Vivenciar habilidade de correr;
- Executar habilidade de chutar;
- Realizar habilidade de receber;
- Realizar habilidade de arremessar;
- Realizar habilidade de rebater;
- Experienciar habilidade de saltar com um pé;

- Realizar atividades envolvendo equilíbrio;
- Executar atividades envolvendo coordenação;
- Realizar atividades envolvendo esquema corporal;
- Realizar atividades envolvendo percepções;
- Solucionar situações criadas pelo professor;
- Cumprir as regras estabelecidas pelo professor;
- Participar das aulas;
- Interagir com os colegas.

PROCEDIMENTOS DE ENSINO

As aulas serão ministradas duas vezes por semana (terças e quintas) com início às 10h20 (pós-recreio) até às 11h05 e serão divididas em três partes: inicial (aquecimento), principal (onde será desenvolvido o objetivo da aula) e final (volta à calma). A aula será sempre iniciada com as combinações, para que possamos fazer com que a aula flua, sem muitas interrupções e terminaremos com uma volta a calma, seguido de uma conversa pra ver o que eles acharam da aula. Após isso seriam liberados para água e dirigidos à sala de aula. Perguntarei no final de cada aula a opinião deles em relação ao comportamento da turma.

Utilizarei atividades individuais, coletivas e cooperativas para a realização dos conteúdos propostos, utilizando das pedagogias de abordagens psicomotora, construtivista e desenvolvimentista.

RECURSOS

a) - Materiais: Bolas (vôlei, futebol, basquete, borracha, tênis), cordas, cones, arcos, colchonetes, bastões.

- Materiais extras: Bolas de meia, jornal, papelão, canetinhas, giz, folhas de ofício, colchão, apito e cronômetro.

b) Espaço Físico: A Escola Estadual de Ensino Fundamental Souza Lobo possui uma quadra fechada (ginásio) onde temos livre acesso. Apresenta, também, espaços para realização de aulas no pátio, uma pracinha com brinquedos que podemos adaptar, e uma sala de vídeo (que devemos obter a liberação da direção).

AValiação

Crítérios: Será avaliado, aula por aula, o desenvolvimento motor das atividades propostas, com relação as habilidades de chute, arremesso, rebatida e lançamento. Será também, testados os conhecimentos deles referentes a alguns assuntos, como corpo e aulas vivenciadas junto à professora regente. Avaliarei também a conduta e o comportamento dos alunos em relação as atitudes dos mesmos, aos combinados com o professor, e as relações com colegas.

Instrumentos: Para a avaliação dos alunos usarei da prática para analisar os comportamentos e relações aluno-aluno e aluno-professor, além de analisar o cumprimento dos combinados feitos pelo professor. Para um acompanhamento, será utilizada a tabela de acompanhamento das interações sociais em aula (anexo 1) juntamente com uma tabela de habilidades motoras e psicomotoras (anexo 2), que estão presentes no livro de Valentini & Toigo (2006).

REFERÊNCIAS

- BRASIL. SECRETARIA DE ENSINO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais**. MEC, 1997.
- VALENTINI, N. C.; TOIGO, A. M. **Ensinando Educação Física nas séries iniciais: desafios e estratégias**. Canoas: Unilasalle (2^oed.). 2006.

CRONOGRAMA

A) Aulas com prósitos mais lúdicos, com atividades de mãos livres e percepções desempenhando a cooperação e coletividade, juntamente com a relação aluno-aluno.	1- Aula de apresentação e conhecimento dos alunos;
	2- Atividade Mãos livres, trabalhando apenas o lúdico;
	3- Atividade Mãos livres, trabalhando lúdico juntamente com a cooperação;
	4- Atividade Mãos livres, trabalhando ludicamente força e flexibilidade;
	5- Atividade Mãos livres, ludicamente proporcionar a cooperação e concentração;
	6- Atividade de percepção corporal;
	7- Atividade de percepção corporal + percepção de direção + lateralidade;
	8- Atividade de percepção visual (cores);
	9- Atividade de percepção visual (vendas);
	10- Aula recompensatória (alunos montarão a aula);
B) Aulas com propósitos de reconhecimento de materiais, que vão proporcionar a ludicidade e a psicomotricidade.	1- Atividade com materiais (corda);
	2- Atividade com materiais (arco);
	3- Aula de relaxamento
	4- Atividade com materiais (balão) + competição;
	5- Atividade com materiais (bola);
	6- Atividade livre com materiais + circuito;
C) Aulas lúdicas com a inclusão das modalidades esportivas e desenvolvimento das motricidades elementares (saltos, corrida, equilíbrio, etc.)	1- Ginástica – Flexibilidade, força, equilíbrio
	2- Ginástica – Rolinho
	3- Ginástica – Estrelina
	4- Ginástica – Saltos + (trabalho países da copa)
	5- Apresentação do trabalho + circuito de ginástica (todas atividades)
	6- Jogos de queimada (regras criadas pelos alunos);
	7- Filme “Com a bola toda”
	8- Dodgeball – Introdução ao jogo
	9- Dodgeball – só jogo
	10- Aula Recompensatória (alunos montarão)
	11- Festa de encerramento

ANEXOS

Anexo 1: Tabela de Acompanhamento das interações sociais em aula

ACOMPANHAMENTO DAS INTERAÇÕES SOCIAIS EM AULA	
Nome:	
Turma: 22 (2º ano)	Professor: Maicon Morais de Oliveira da Silva
Período: 18 de março de 2014 até 01 de julho de 2014	
0 = nunca	1 = às vezes
2 = na maioria	3 = sempre
ATITUDES	Avaliação no final do semestre ___/___/___
Escuta	
Respeita os combinados	
Participa das atividades propostas	
Relaciona-se com os colegas	
Propõe soluções para os desafios lançados pelo professor	
Observações:	

Tabela: Planilha de acompanhamento das interações sociais em aula adaptada de Valentini & Toigo, 2006

Anexo 2: Tabela das habilidades motoras e psicomotoras

<i>Tabela das Habilidades Motoras e Psicomotoras</i>		
Nome:		
Professor: Maicon Morais de Oliveira da Silva		
Período: 18 de março de 2014 até 01 de julho de 2014		
Habilidades locomotoras	Habilidade é consistente	Precisa praticar
Caminhar		
Correr		
Saltar com dois pés		
Saltar com um pé (dominante)		
Saltar com um pé (não dominante)		
Habilidades manipulativas		
Receber		
Chutar		
Arremessar		
Rebater		
Habilidades estabilizadoras		
Equilíbrio		
Psicomotoras		
Coordenação		
Esquema corporal		
Percepção		
Observações do professor:		

Tabela: Tabela das habilidades motoras e psicomotoras adaptada de Valentini & Toigo (2006).